

| | |
|---------|------------------------------------|
| Veículo | : HOJE EM DIA – ECONOMIA – PÁG. 21 |
| Local | : SÃO PAULO / SP |
| Data | : 11/10/2009 |

MARIA ANGELA DO REGO BARROS - PRESIDENTE DA ANPEI

“A inovação é um investimento”

RENATO FONSECA
REPÓRTER

O Brasil caiu num dos rankings de inovação mais importantes do mundo. O Índice Global de Inovação, divulgado pela revista britânica The Economist, mostra que, neste ano, o país caiu do 48º posto para o 49º. O ranking conta com 82 países. O líder é o Japão. A falta de incentivos fiscais e o custo do processo de inovação são apontados como os principais vilões que travam o desenvolvimento do setor. Apesar dos entraves, a presidente da Associação Nacional de Pesquisa, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras (Anpei), Maria Angela do Rego Barros, vê um horizonte promissor. Segundo ela, a importância da eficiência aliada à inovação nunca foi tão discutida no país, e o sucesso está ligado a todos os níveis da empresa. “Todos têm de estar envolvidos no processo, desde os gestores aos empregados”, afirma Maria Angela, que participou da 5ª Feira de Tecnologia e Inovação (Inovatec), realizada em Belo Horizonte na semana passada.

Além de presidente da Anpei, a senhora é responsável pela área de relações governamentais para pesquisa, desenvolvimento e inovação da Motorola. Está sempre em contato com órgãos do setor como o Ministério de Ciência e Tecnologia e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico. Quais as principais dificuldades para a inovação no país? Por que o tema é tão discutido, mas o consenso é sempre que se precisa avançar mais? Seria este um processo de longo prazo?

Não é de longo prazo e jamais poderá ser. Não temos esse tempo, porque se pensarmos assim, vamos perder a janela. Casos de sucesso nas corporações mostram que a inovação já é realidade. É preciso que to-

da a cadeia se mobilize. O sucesso está ligado a todos os níveis da empresa e, portanto, todos têm de estar envolvidos no processo de inovação. Acredito que o tema será constantemente debatido e que sempre chegaremos à conclusão de que é preciso avançar ainda mais, pois nossas necessidades sempre estão à frente do que a tecnologia nos oferece. Sempre precisamos de algo mais, algo inovador e diferente do padrão oferecido.

Uma recente pesquisa aponta que o Brasil é o 49º no ranking de inovação no mundo. Como a senhora avalia esses dados?

Primeiramente, toda pesquisa é

feita com base em um período que já passou. O nosso momento é muito bom. Nós temos um potencial enorme que ainda precisa ser melhor explorado. Hoje, já temos uma considerável e nunca vista consciência social no mundo, da importância de valorizar a vida, a produção, o trabalho, a eficiência e a inovação. A busca da sustentabilidade, por meio de um consumo inteligente frente aos nossos recursos, é uma realidade. Desta forma, acredito que temos condições e vamos melhorar a colocação brasileira neste ranking.

A crise financeira modificou os processos de inovação nas empresas?

A crise foi prejudicial e impactou a todos, mas também serviu para trazer grandes oportunidades. Ela nos mostrou que os países em desenvolvimento, como o Brasil, tem um potencial enorme para o crescimento. E a inovação desempenha um papel fundamental nesta questão. Temos conseguido apoio do Governo, mas precisamos de mais. Necessitamos de mais incentivos fiscais e crédito para que as empresas tenham mais facilidade em investir em inovação.

Quando se fala em inovação, a impressão, para quem é leigo, é que somente as grandes corporações têm condições de fazer esse tipo de investimento, e que, nas micro e pequenas empresas, os projetos voltados para a área de inovação seguem em ritmo lento e estão longe de ser concretizados. Por que isso acontece?

Esse é um dos grandes problemas que temos. Infelizmente, na comparação com as grandes empresas, as micro ainda estão muito aquém, mas elas já sentem na pele que não estão preparadas. Isso já é um indício de que a mudança é necessária. A gestão das empresas também precisa ser revista. Alguns empresários não têm um perfil de gestor. Eles têm um conhecimento que muitas vezes é natural, ou familiar, sendo passado de geração a geração, ou até mesmo apenas um conhecimento tecnológico. Ele precisa conhecer melhor a sua empresa.

Não basta somente ter o conhecimento da administração do empreendimento, é preciso saber qual a melhor gestão tecnológica para o seu negócio. Ele não precisa saber tudo, mas pelo menos ter alguém que dê o suporte necessário.

E como conseguir este suporte?

As opções são muitas. A Anpei possui uma parceria com o Sebrae para dar acesso a informações facilitadoras do processo de inovação tecnológica na empresa. Já fizemos mais de 200 seminários em todo o país, reunindo milhares de empresários. Outra importante ferramenta é o Guia Prático da Inovação para Empresas, um material que pode ser acessado no nosso site (www.anpei.org.br) e que dá acesso a benefícios, recursos e gestão da inovação. O importante é saber que não basta fazer um curso e pronto. O processo tem que ser intensivo e constante. Enquanto a empresa não integrar o processo de inovação como um de seus pontos de apoio, ela não estará fazendo nada. Não existe uma inovação, e sim um processo inovativo.

Mas e o custo disso? Este ainda não é um dos grandes empecilhos?

Tudo depende do ponto de vista. É preciso ver o processo inovativo como um investimento. O valor vai depender do tipo de solução a ser aplicado e de tudo o que envolve o processo para o treinamento. O que os empresários devem ter em mente é o custo-benefício. O investimento pode ser alto, mas sempre haverá retorno.

Além da melhoria na gestão, como a senhora vê a mão-de-obra brasileira que atua no setor de inovação? Se, por um lado, é positivo saber que há oportunidades em aberto, não chega a ser preocupante a falta de profissionais qualificados para atender essa demanda?

Realmente, temos carências na mão de obra que não podem ser deixadas de lado. Entretanto, isso não é preocupante. Pelo contrário, penso que não impede em nada que as empresas façam seus investimentos em inovação. Muitas tem feito, inclusive, projetos arrojados.

**Sempre
precisamos
de algo
mais,
algo
inovador**

**Já nas
escolas
técnicas,
temos
exemplos
muito bons!**

A falta de mão-de-obra qualificada é um sinal de que mudanças precisam ocorrer nas escolas preparatórias?

Em termos de universidades, temos que fazer uma readequação da emenda curricular à necessidade tecnológica das empresas. Na maioria das vezes, o estudante sai da faculdade com um excelente conhecimento científico, mas sem saber como ele vai utilizar essa teoria dentro da empresa. Isso obriga as organizações a fazer um novo treinamento com este futuro profissional. Essas readequações precisam ser feitas dentro da universidade, para que ele saia da faculdade apto a trabalhar. Já nas escolas técnicas, temos exemplos muito bons, como nos Centros Federais de Educação Tecnológica, que são organizações muito sérias.

O Plano de Desenvolvimento de Tecnologia e Inovação, anunciado pelo Governo federal, é visto como uma espécie de Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) para o setor de inovação tecnológica. Nele, são previstos para 2010 investimentos de R\$ 45 bilhões, o que representa 1,5% do PIB nacional. Qual análise a senhora faz deste valor?

Se compararmos com o restante do mundo, ainda é pouco. Mas em

termos de Brasil, considero muito bom. É um aumento significativo, dentro da nossa realidade, pois para utilizarmos esse recurso será necessário que muitas empresas estejam atuando diretamente com processos inovadores no Brasil.

A Lei de Inovação Tecnológica, sancionada em 2004, estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo. Ela, de fato, tem sido aplicada? Qual análise pode ser feita após quase cinco anos em vigor?

É um novo marco legal para apoio ao desenvolvimento tecnológico e inovação nas empresas brasileiras. A lei veio para facilitar a interação entre as universidades, instituições de pesquisa e o setor produtivo, estimulando o desenvolvimento de produtos e processos inovadores. O foco é o impacto sobre a competitividade do país. Um ponto que destacaria é a dedução de Imposto de Renda e da Contribuição sobre o Lucro Líquido de dispêndios efetuados em atividades de pesquisa e desenvolvimento. Antes, esse processo era extremamente burocrático e agora está mais facilitado.

Qual o futuro da inovação no Brasil?

Extremamente promissor. ☺

“A crise foi prejudicial e impactou a todos, mas também serviu para trazer grandes oportunidades”

“Tudo depende do ponto de vista. É preciso ver o processo inovativo como um investimento”

“(…) as microempresas ainda estão muito aquém do processo de inovação, mas já sentem na pele as dificuldades”



MARIA ANGELA DO REGO BARROS - PRESIDENTE DA ANPEI



“A inovação é um investimento”

RENATO FONSECA
PEREIRA

O Brasil caiu num dos rankings de inovação mais importantes do mundo. O Índice Global de Inovação, divulgado pela revista britânica *The Economist*, mostra que, neste ano, o país caiu do 48º posto para o 49º. O ranking conta com 82 países. O líder é o Japão. A falta de incentivos fiscais e o custo do processo de inovação são apontados como os principais vilões que travam o desenvolvimento do setor. Apesar dos entraves, a presidente da Associação Nacional de Pesquisas, Desenvolvimento e Engenharia das Empresas Inovadoras (Anpeí), Maria Angela do Rego Barros, vê um horizonte promissor. Segundo ela, a importância da eficiência aliada à inovação nunca foi tão discutida no país, e o sucesso está ligado a todos os níveis da empresa. “Todos têm de estar envolvidos no processo, desde os gestores aos empregados”, afirma Maria Angela, que participou da 5ª Feira de Tecnologia e Inovação (Inovatec), realizada em Belo Horizonte na semana passada.

Além de presidente da Anpeí, a senhora é responsável pela área de relações governamentais para pesquisa, desenvolvimento e inovação da Motorola. Está sempre em contato com órgãos do setor como o Ministério de Ciência e Tecnologia e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico. Quais as principais dificuldades para a inovação no país? Por que o tema é discutido, mas o consenso é sempre que se precisa avançar mais? Seria este um processo de longo prazo?

Não é de longo prazo e jamais poderá ser. Não temos esse tempo, porque se pensarmos assim, vamos perder a janela. Casos de sucesso nas corporações mostram que a inovação já é realidade. É preciso que toda a cadeia se mobilize. O sucesso está ligado a todos os níveis da empresa, portanto, todos têm de estar envolvidos no processo de inovação. Acredito que o tema será constantemente debatido e que sempre chegaremos a conclusão de que é preciso avançar ainda mais, pois nossas necessidades sempre estão à frente do que a tecnologia nos oferece. Sempre precisamos de algo mais, algo inovador e diferente do padrão oferecido.

Uma recente pesquisa aponta que o Brasil é o 49º no ranking de inovação no mundo. Como a senhora avalia esses dados?

Primeiramente, toda pesquisa é

feita com base em um período que já passou. O nosso momento é muito bom. Nós temos um potencial enorme que ainda precisa ser melhor explorado. Hoje, já temos uma consciência social e nunca vista consciência social no mundo, da importância de valorizar a vida, a produção, o trabalho, a eficiência e a inovação. A busca da sustentabilidade, por meio de um consumo inteligente frente aos nossos recursos, é uma realidade. Desta forma, acredito que temos condições e vamos melhorar a colocação brasileira neste ranking.

A crise financeira modificou os processos de inovação nas empresas?

A crise foi prejudicial e impactou a todos, mas também serviu para trazer grandes oportunidades. Ela nos mostrou que os países em desenvolvimento, como o Brasil, tem um potencial enorme para o crescimento. E a inovação desempenha um papel fundamental nesta questão. Temos conseguido apoio do Governo, mas precisamos de mais. Necessitamos de mais incentivos fiscais e crédito para que as empresas tenham mais facilidade em investir em inovação.

Quando se fala em inovação, a impressão, para quem é leigo, é que somente as grandes corporações têm condições de fazer esse tipo de investimento, e que, nas micro e pequenas empresas, os projetos voltados para a área de inovação seguem em ritmo lento e estão longe de serem concretizados. Por que isso acontece?

Esse é um dos grandes problemas que temos. Infelizmente, na comparação com as grandes empresas, as micro ainda estão muito aquém, mas elas já sentem na pele que não estão preparadas. Isso já é um indicio de que a mudança é necessária. A gestão das empresas também precisa ser revista. Alguns empresários não têm um perfil de gestor. Eles têm um conhecimento que muitas vezes é natural, ou familiar, sendo passado de geração a geração, ou até mesmo apenas um conhecimento tecnológico. Ele precisa conhecer melhor a sua empresa.

Não basta somente ter o conhecimento da administração do empreendimento, é preciso saber qual a melhor gestão tecnológica para o seu negócio. Ele não precisa saber tudo, mas pelo menos ter alguém que dê o aporte necessário.

Como conseguir este suporte?

As opções são muitas. A Anpeí possui uma parceria com o Sebrae para dar acesso a informações facilitadoras do processo de inovação tecnológica na empresa. Já fizemos mais de 200 seminários em todo o país, reunindo milhares de empresários. Outra importante ferramenta é Guia Prático da Inovação para Empresas, um material que pode ser acessado no nosso site (www.anpei.org.br) e que dá acesso a benefícios, recursos e gestão da inovação. O importante é saber que não basta fazer um curso e pronto. O processo tem que ser intensivo e constante. Enquanto a empresa não integrar o processo de inovação como um de seus pontos de apoio, ela não estará fazendo nada. Não existe uma inovação, está um processo inovativo.

Mas o custo disso? Este ainda não é um dos grandes empecilhos?

Tudo depende do ponto de vista. É preciso ver o processo inovativo como um investimento. O valor vai depender do tipo de solução a ser aplicado e de tudo o que envolve o processo para a implementação. O que os empresários devem ter em mente é o custo-benefício. O investimento pode ser alto, mas sempre haverá retorno.

Além da melhoria na gestão, como a senhora vê a mão-de-obra brasileira que atua no setor de inovação? Se, por um lado, é positivo saber que há oportunidades em aberto, não chega a ser preocupante a falta de profissionais qualificados para atender essa demanda?

Realmente, temos carências na mão de obra que não podem ser deixadas de lado. Entretanto, isso não é preocupante. Pelo contrário, penso que não impede em nada que as empresas façam seus investimentos em inovação. Muitas tem feito, inclusive, projetos arrojados.

“A crise foi prejudicial e impactou a todos, mas também serviu para trazer grandes oportunidades”

“Tudo depende do ponto de vista. É preciso ver o processo inovativo como um investimento”

“(…) as microempresas ainda estão muito aquém do processo de inovação, mas já sentem na pele as dificuldades”

A falta de mão-de-obra qualificada é um sinal de que mudanças precisam ocorrer nas escolas preparatórias?

Em termos de universidades, temos que fazer uma readequação da emenda curricular à necessidade tecnológica das empresas. Na maioria das vezes, o estudante sai da faculdade com um excelente conhecimento científico, mas sem saber como ele vai utilizar essa teoria dentro da empresa. Isso obriga as organizações a fazer um novo treinamento com este futuro profissional. Essas readequações precisam ser feitas dentro da universidade, para que ele saia da faculdade apto a trabalhar. Já nas escolas técnicas, temos exemplos muito bons, como nos Centros Federais de Educação Tecnológica, que são organizações muito sérias.

O Plano de Desenvolvimento de Tecnologia e Inovação, anunciado pelo Governo federal, é visto como uma espécie de Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) para o setor de inovação tecnológica. Nela, são previstos para 2010 investimentos de R\$ 45 bilhões, o que representa 1,5% do PIB nacional. Qual análise a senhora faz deste valor?

Se compararmos com o restante do mundo, ainda é pouco. Mas em termos de Brasil, considero muito bom. É uma mudança significativa, dentro da nossa realidade, pois para utilizarmos esse recurso será necessário que muitas empresas estejam atuando diretamente com processos inovativos no Brasil.

A Lei de Inovação Tecnológica, sancionada em 2004, estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo. Ela, de fato, tem sido aplicada? Qual análise pode ser feita após quase cinco anos em vigor?

É um novo marco legal para apoiar ao desenvolvimento tecnológico e inovação nas empresas brasileiras. A lei veio para facilitar a interação entre as universidades, instituições de pesquisa e o setor produtivo, estimulando o desenvolvimento de produtos e processos inovadores. O foco é o impacto sobre a competitividade do país. Um ponto que destacaria é a dedução de imposto de Renda e da Contribuição sobre o Lucro Líquido de dispêndios efetuados em atividades de pesquisa e desenvolvimento. Antes, esse processo era extremamente burocrático e agora está mais facilitado.

Qual o futuro da inovação no Brasil?
Extremamente promissor. ☐

Sempre precisamos de algo mais, algo inovador

Já nas escolas técnicas, temos exemplos muito bons